

A experiência urbana das mulheres no romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto

The urban experience of women in the novel Clara dos Anjos, by Lima Barreto

Janaína Monteiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

janainamontds@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0000-2967-287X>

RESUMO

A intenção deste trabalho é fazer uma investigação sobre as diferentes formas de pertencimento e deslocamento de personagens mulheres dentro do espaço narrativo suburbano criado em *Clara dos Anjos*. Através de diversas cenas literárias, aspectos da vida urbana são apresentados na obra em questão, e assim, Lima Barreto constrói uma narrativa cujas linhas estão entrelaçadas de ficção e de relatos sobre o espaço suburbano de sua época. Pontuaremos como os projetos de políticas públicas acabaram por interferir significativamente na atividade da experiência urbana, para tal nos apoiaremos nos estudos socioculturais que cercam o conjunto sujeito-cidade. A partir da perspectiva de cidade-camada e cidade-texto (GOMES, 2008), veremos que a materialidade é fundamental para os estudos da vivência urbana feminina, criando, de fato, um dinamismo entre camadas, texto, corpo e espaço.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Experiência urbana; Mulheres; *Clara dos Anjos*; Lima Barreto.

ABSTRACT

The purpose of this work is to investigate the different forms of belonging and displacement of female characters within the suburban narrative space created in *Clara dos Anjos*. Through a range of literary scenes, aspects of urban life are presented, thus showing how Lima Barreto builds a narrative whose lines are interwoven with fiction and accounts of the suburban space of his time. We will point out how public policy projects ended up interfering significantly in the activity of urban experience, to which end we will rely on socio-cultural studies surrounding the subject-city combination. From the perspective of city-layer and city-text (GOMES, 2008), we will see that materiality is fundamental to studies of female urban experience, creating, in fact, a dynamism between layers, text, body and space.

Keywords: Brazilian Literature; Urban experience; Woman; *Clara dos Anjos*; Lima Barreto.

INTRODUÇÃO

Antes de tudo é necessário compreender a noção de que o subúrbio é um espaço citadino marginal. O termo subúrbio, originalmente, era “empregado para designar arrabaldes e vizinhanças que circunscravam a região central de uma cidade” (Galdino; Schwarcz, 2012, p. 63). Foi na transição do século XIX para o século XX, que tal termo passou a “designar os bairros populares que se situavam ao longo das linhas férreas Auxiliar, Leopoldina, Rio do Ouro e da Central (antiga D. Pedro II), na zona norte e oeste do Rio de Janeiro” (Galdino; Schwarcz, 2012, p. 63).

O crescimento da área suburbana, no Rio de Janeiro, ocorreu principalmente durante o replanejamento urbano advindo do governo do prefeito Pereira Passos. Essa noção de replanejamento é interessante uma vez que ela pressupõe considerar uma existência anterior de planejamento, nessa lógica forma-se a noção de camadas: a camada antiga é, portanto, sempre sobreposta por um novo modelo, logo, a “cidade como um texto se concretiza com fragmentos de uma cidade (um texto infinito)” (Gomes, 2008, p. 39), e assim, “lê-se a cidade como um composto de camadas sucessivas de construções e ‘escritas’, onde estratos prévios de codificação cultural se acham ‘escondidos’ na superfície, e cada um espera ser descoberto e lido” (Gomes, 2008, p. 86). O subúrbio apresentado em *Clara dos Anjos* será a nossa camada de análise e descoberta de leitura de um dos fragmentos dessas camadas existentes dentro de uma cidade.

Lima Barreto foi “notório andarilho, tanto da região central do Rio de Janeiro, como dos afastados subúrbios” (Galdino; Schwarcz, 2012, p. 273). Podemos supor, então, que de algum modo, tal fato parece tê-lo auxiliado na construção de suas várias citações literárias dos espaços urbanos de sua época, outra consideração que também nos ajuda a compreender a assertividade do tom crítico de suas obras, é o fato de Lima Barreto ter sido morador da área suburbana do Rio de Janeiro, aliás, “na época em que escrevia o romance [*Clara dos Anjos*] tinha sua casa em Todos os Santos, e sempre manteve relação ambivalente com a região, entre a crítica e a apreciação” (Galdino; Schwarcz, 2012, p. 62-63).

Em *Clara dos Anjos*, o autor elabora uma detalhada descrição sobre a condição de vida no espaço do subúrbio para as personagens da narrativa, veremos que essa apresentação é carregada de informações como a especificação dos tipos sociais, a geografia desse espaço com a tipificação do relevo, a localização e nomeação de ruas do Rio de Janeiro, a arquitetura das

moradias, os costumes envolvidos no habitar e deslocar típicos da área suburbana, formando, desse modo, um quadro narrativo preenchido não apenas de ficcionalidade, mas também de diversos tópicos capazes de ressaltar situações reais ligadas ao que diz respeito à dinâmica da cidade e aos seus habitantes.

O HABITAR E O DESLOCAR EM UM “INTRINCADO LABIRINTO DE RUAS E BIBOCAS” ...

Resumos iniciais do que viria ser a narrativa de *Clara dos Anjos* têm registro nas cadernetas de Lima Barreto na data de 1904¹, entretanto, foi somente em 1948 que a obra foi publicada postumamente. Vale dizer que, para melhor situar nossa compreensão histórica, na data do processo de escrita do romance, o Rio de Janeiro era marcado por transformações que visavam alcançar aspectos estéticos e estruturais modernos, nesse período, portanto, ocorreram mudanças significativas no campo das reformas urbanas. Houve, por exemplo, o remanejamento populacional da região central da cidade para regiões rurais e afastadas do centro, e foi assim que, desamparados de “políticas de habitação popular, os subúrbios passaram a representar uma área de exclusão socioespacial” (Galdino; Schwarcz, 2012, p. 63).

Lima Barreto atribuiu uma válida importância descritiva ao ambiente escolhido para a história da menina Clara, de forma que o próprio subúrbio pode ser considerado também personagem do enredo. É por meio da jovem de dezessete anos que o autor disserta não apenas sobre uma menina negra que é seduzida por um malandro branco, chamado Cassi Jones, mas também discorre sobre a vivência de uma população suburbana marginalizada, entrelaçando, assim, de certo modo, questões raciais, de classe e gênero.

A categorização do subúrbio, na obra analisada nesse estudo, se dá por meio de variadas categorias de descrição. Os detalhes começam no capítulo sete e partem do campo geográfico:

O subúrbio propriamente dito é uma longa faixa de terra que se alonga, desde o Rocha ou São Francisco Xavier, até Sapopemba, tendo para eixo a linha férrea da Central. Para os lados, não se aprofunda muito, sobretudo quando encontra colinas e montanhas que tenham a sua expansão (Barreto, 2012, p. 182).

¹ Anotações encontradas em cadernetas e reunidas, postumamente, pelo biógrafo Francisco de Assis Barbosa. Cf. RESENDE, Beatriz. Apresentação. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*, p. 9, 2012.

Em um segundo momento, os tipos de residências que ocupam a área são apontados: “há casas, casinhas, casebres, barracões, choças, por toda a parte onde possa fincar quatro estacas de pau e uni-las por paredes duvidosas” (Barreto, 2012, p. 183), e na sequência, fala-se sobre o material utilizado para arquitetar essas moradias, o narrador pontua que “todo o material para essas construções serve: são latas de fósforo distendidas, telhas velhas, folhas de zinco, e, para as nervuras das paredes de taipa, o bambu, que não é barato” (Barreto, 2012, p. 183).

Ainda no nível descritivo, o narrador cita a diferenciação estética conforme o distanciamento espacial:

Afastando-nos do eixo da zona suburbana, logo o aspecto das ruas muda. Não há mais gradis de ferros, nem casas com tendências: há o barracão, a choça e uma ou outra casa que tal. Tudo isso muito espaçado e separado; entretanto, encontram-se, por vezes, “correres” de pequenas casas, de duas janelas e porta ao centro, formando o que chamamos “avenida” (Barreto, 2012, p. 183).

A apresentação do local não deixa de contemplar a convivência de diversos animais pela região descrita:

As ruas distantes da linha da Central vivem cheias de tabuleiros de grama e de capim, que são aproveitados pelas famílias para coradouro. De manhã até à noite, ficam povoadas de toda espécie de pequenos animais domésticos: galinhas, patos, marrecos, cabritos, carneiros e porcos, sem esquecer os cães que, com todos aqueles, fraternizavam (Barreto, 2012, p. 184).

Vale perceber o relato de algumas práticas cotidianas dos moradores, o que oferece para o leitor uma visão mais dinâmica do local escolhido para o plano principal da narrativa: “Quando chega à tardinha, de cada portão se ouve o ‘toque de reunir’: ‘Mimoso’! É um bode que a dona chama. ‘Sereia’! É uma leitoa que uma criança faz entrar em casa; e assim por diante” (Barreto, 2012, p. 184). Então, “carneiros, cabritos, marrecos, galinhas e perus – tudo entra pela porta principal, atravessa a casa toda e vai se recolher ao quintalejo aos fundos” (Barreto, 2012, p. 184).

Logo nesse início de apresentação do local do enredo, surge a marcação sobre a falta de estruturação adequada para uma moradia digna, ressalta-se o perigo da contaminação e da disseminação de doenças em razão da inexistência dos meios de saneamento básicos necessários, os quais poderiam evitar o alto risco de contágio para os personagens-moradores: “[...] há quase sempre uma bica para todos os habitantes e nenhuma espécie de esgoto. Toda essa população, pobríssima, vive sob a ameaça constante da varíola e, quando ela dá para aquelas bandas, é um

verdadeiro flagelo” (Barreto, 2012, p. 183), já “os córregos são em geral vales de lama pútrida, que, quando chegam as grandes chuvas, se transformam em torrentes, a carregar os mais nauseabundos detritos” (Barreto, 2012, p. 190).

Ainda nesse tom de não ocultar as problemáticas que cercam a vida dos que vivem no ambiente do subúrbio, o narrador salienta a falta de um planejamento urbano que envolvesse logística e acessibilidade pela redondeza. É mencionado o trajeto dificultoso para se chegar aos cemitérios: “Para o de Inhaúma, procurado por uma vasta zona suburbana, os caminhos são maus, e pior do que isto: dão voltas inúteis, que poderiam ser evitadas sem grandes despesas” (Barreto, 2012, p. 185).

Nota-se que o perfil diversificado das pessoas que habitam o subúrbio também é listado, servindo, assim, como artifício para que o leitor tenha uma melhor clareza sobre a apresentação socioespacial trazida:

São operários, pequenos empregados, militares de todas as patentes, inferiores de milícias prestantes, funcionários públicos e gente que, apesar de honesta, vive de pequenas transações, dia a dia, em que ganham penosamente alguns mil-réis. O subúrbio é o refúgio dos infelizes. Os que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá [...] (Barreto, 2012, p. 188).

Por meio desse conjunto expositivo, evidenciam-se informações de múltiplos níveis para que o leitor possa, gradativamente, se situar sobre a área do subúrbio barretiano, indo desde a noção geográfica basal até o quadro socioeconômico, demonstrando questões urbanas relativas à área marginalizada da metrópole.

É interessante perceber o surgimento de uma condição confrontante na ambientação aqui considerada, pois: no plano da realidade da época em que a narrativa é elaborada, temos uma cidade que passava pelo processo de modernização e que ao mesmo tempo não ofereceu garantia de igualdade de pertencimento ao espaço urbano, na verdade,

trava-se uma luta entre dois grandes ‘campos’ ou princípios: o progresso, a civilização, a regeneração estética e sanitária da cidade; a cidade colonial, atrasada, anti-estética, suja e doente. Princípio civilizador - leia-se o Estado que servia, a um só tempo, de instrumento aos interesses mais gerais das classes dominantes e aos interesses "particulares" ao grande capital, diretamente beneficiado com a remodelação da cidade (Benchimol, 1992, p. 205).

O subúrbio de *Clara dos Anjos* acaba por se apresentar como um resultado do descompasso entre o plano de modernização urbana e o descaso com os espaços suburbanos,

afinal, enfatiza o narrador que: “por esse intrincado labirinto de ruas e bibocas é que vive uma grande parte da população da cidade, a cuja existência o governo fecha os olhos, embora lhe cobre atrozes impostos, empregados em obras inúteis e suntuárias noutros pontos do Rio de Janeiro” (Barreto, 2012, p. 185), “mais ou menos é assim o subúrbio, na sua pobreza e abandono em que os poderes públicos o deixam” (Barreto, 2012, p. 187). Percebe-se que eram desproporcionais as condições estruturais entre o espaço ocupado pela população mais pobre e o espaço ocupado pelas “[...] camadas dominantes da sociedade urbana, aquelas que puderam, efetivamente, desfrutar da ‘modernização’ (Benchimol, 1992, p. 121).

O narrador de *Clara dos Anjos* faz questão de relatar ao leitor a condição precária de moradia da família da personagem principal: “A rua em que estava situada a sua casa se desenvolvia no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano; entretanto, era povoada e se fazia caminho obrigado das margens da Central para a longínqua e habitada freguesia de Inhaúma” (Barreto, 2012, p. 64), “[...] era uma rua sossegada e toda ela, ou quase toda, edificada ao gosto antigo do subúrbio, ao gosto do chalet” (Barreto, 2012, p. 65). Ainda nos é informado que para “além dos clássicos chalets suburbanos, encontravam-se outros tipos de casas. Algumas relativamente recentes, uns certos requififes e galanteios modernos, para lhes encobrir as estreitezas dos cômodos e justificar os exageros dos aluguéis” (Barreto, 2012, p. 65). Esse tipo de descrição nos encaminha para a formação de um olhar mais reflexivo sobre as realidades sociais, fato é que “o que parece apenas espontâneo e instintivo na prosa narrativa barretiana é, no fundo, consciente” (Bosi, 1979, p. 95). É oportuno mencionar que essa literatura esclarecida sobre as realidades da cidade e da população, também pode ser verificada em outras obras do autor, como em “As enchentes”, em *Vida Urbana*:

As chuvaradas de verão, quase todos os anos, causam no nosso Rio de Janeiro, inundações desastrosas. Além da suspensão total do tráfego, com uma prejudicial interrupção das comunicações entre os vários pontos da cidade, essas inundações causam desastres pessoais lamentáveis, muitas perdas de haveres e destruição de imóveis. De há muito que a nossa engenharia municipal se devia ter compenetrado do dever de evitar tais acidentes urbanos. [...]

O Prefeito Passos, que tanto se interessou pelo embelezamento da cidade, descurou completamente de solucionar esse defeito do nosso Rio. [...] **Infelizmente, porém, nos preocupamos muito com os aspectos externos, com as fachadas, e não com o que há de essencial nos problemas da nossa vida urbana, econômica, financeira e social** (Barreto, 1915, s.p., grifo meu).

Como podemos perceber, Lima Barreto faz questão de relatar os problemas advindos das reformas urbanísticas implementadas pelos governos daquele período. As grandes obras

urbanas implicaram na demolição de vários prédios e cortiços do centro para que Rio de Janeiro se transformasse “numa cidade moderna, higiênica e civilizada” (Benchimol, 1992, p. 138), e assim, começava “a se delinear a polêmica em torno da viabilidade e conveniência de se remover a grande massa proletária do centro para as zonas periféricas” (Benchimol, 1992, p. 138), essa situação precária nada mais foi que

o produto do aguçamento das contradições inerentes à transição para o capitalismo, à crescente acumulação e concentração do capital e da força de trabalho no espaço urbano carioca. Não obstante ocorresse, nesse período, profunda redefinição da geografia da ocupação do espaço urbano, com o crescimento dos bairros residenciais e subúrbios ao longo dos vetores por onde se expandiam os meios de transporte coletivos (bondes e trens) [...] (Benchimol, 1992, p. 178).

Destarte, “a crise da habitação é produto da forma social burguesa; sua história está, portanto, indissoluvelmente subordinada ao desenvolvimento das relações capitalistas de produção no espaço urbano carioca (e à conseqüente apropriação capitalista desse espaço)” (Benchimol, 1992, p. 124). Diante do breve quadro histórico-social que informamos a partir das pesquisas realizadas pelo professor Jaime Larry Benchimol, em sua produção intitulada *Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*, é possível identificar como o Estado pode controlar a experiência urbana por meio dos projetos de política pública mascarados pela falsa ideia de segurança e logística. Outra pesquisa que elucida essa situação é a do professor Renato Cordeiro Gomes, com a publicação de *Todas as cidades, a cidade* (2008), nesta obra afirma-se que a “remodelação do Rio de Janeiro da *Belle Époque* que se preparava para entrar na era moderna, alterou não só o perfil e a ecologia urbanos, mas também o conjunto de experiências de seus habitantes” (Gomes, 2008, p. 114).

Em razão disto, é fundamental compreendermos a relação de vivência e experiência dos sujeitos no espaço marginal da cidade em modernização a partir desses diversos aspectos de restrições e imposições de condições comportamentais, pois “se o desenho urbano, em sua realidade histórica, foi-se tornando indecifrável, pelas superposições sucessivas, resultado da fúria demolidora da burguesia, só resta, como possível visão total, apelar para as manifestações culturais” (Gomes, 2008, p. 29), e, até mesmo essas manifestações culturais podem sofrer interferências por meio das práticas governamentais e seus respectivos projetos políticos, na era Pereira Passos, por exemplo, implementaram-se várias medidas restritivas, sendo instaurado

um certo tipo de controle do pertencimento espacial dos sujeitos, bem como de suas experiências e vivências socioculturais dentro dessa nova cidade em construção:

Os decretos promulgados pelo prefeito, sobretudo na fase inicial de seu governo, quando pôde legislar ditatorialmente, atingiram os mais variados domínios da existência social e cultural da população. Práticas do cotidiano popular e costumes profundamente arraigados foram considerados indignos de figurar no contexto da cidade saneada e civilizada. Nessa perspectiva podem ser encaradas a perseguição sistemática ao candomblé e aos cultos religiosos de origem africana, a hostilidade às serenatas e à boemia [...] (Benchimol, 1992, p. 284-285).

E mais:

Para não embaraçar os cabos de energia elétrica que começavam a se propagar pelo Rio de Janeiro, as crianças foram proibidas de soltar pipas; para resguardar a cidade contra incêndios, proibiram-se as fogueiras, fogos de artifício e balões nas festas de São João (Benchimol, 1992, p. 285).

Esse tipo de limitação somada às “transformações sucessivas impedem a permanência da tradição que daria o sentido de pertença. As experiências, ou melhor, as vivências do eu consistem numa sequência de rupturas e descontinuidades” (Gomes, 2008, p. 31).

Identificamos que o cenário urbano de *Clara dos Anjos* é relatado como um produto do descaso do Estado para com aqueles que foram excluídos da reforma urbana, por isso mostrou-se relevante refletir sobre como esses replanejamentos espaciais podem afetar a relação do sujeito com a cidade, motivando interferências expressivas nas experiências urbanas. As relações sujeito-cidade, neste artigo, estão no entendimento da materialidade, então se a cidade é uma camada, um texto que se lê, o corpo também é uma camada, um texto que pode ser lido dentro da cidade, e assim, como explica o professor Renato Cordeiro Gomes em sua pesquisa realizada acerca das *Teorias do Espaço Literário* (2013): “o corpo também pode ser entendido como espaço [...], o exame do espaço literário demanda que se observe como são configurados e atuam os corpos dos sujeitos ficcionais” (Brandão, 2013, p. 251). Analisaremos, agora, como se dá a construção da vivência cidadina das personagens mulheres em *Clara dos Anjos*, iremos averiguar as possibilidades de experiência urbana para Dona Margarida, Engrácia e Clara.

O PERTENCER E O DESLOCAR DAS MULHERES EM *CLARA DAS ANJOS*

Trataremos, primeiramente, da figura de Margarida Weber Pestana, essa personagem era de nacionalidade estrangeira, mãe russa e o pai alemão, e “tinha, essa senhora, um temperamento de heroína doméstica” (Barreto, 2012, p. 127). Após a morte da mãe, Margarida e o pai se instalam no Brasil em busca de uma nova vida, ao passar do tempo ela fica responsável pelo cuidado de uma pensão localizada na Rua da Alfândega e foi nas atividades desta pensão que ela conheceu Florêncio Pestana, este ia ao local para fazer refeições, da citada convivência dá-se o casamento entre eles, e desta relação nasce o filho Ezequiel. Com a morte do marido por tuberculose e a do pai por febre amarela, Margarida segue no comando da pensão, mas em determinado momento decide vendê-la e com esse dinheiro faz a compra de uma casa no subúrbio, passando a ser vizinha da família de Clara dos Anjos. É a partir dessa proximidade que se estabelecem as idas de Clara à casa de Margarida para aprender a bordar e costurar, a companhia dessa senhora era muito bem quista pelos pais da menina.

Para além dessas atividades de lazer, o enredo informa que Margarida obtém sua renda a partir de seus trabalhos manuais de bordado e costura, e desse modo, a personagem usa as ruas da cidade para vender seus itens artesanais. Vejamos o seguinte relato presente na atividade urbana de Margarida: “O senhor Ataliba do Timbó deu em certa ocasião em persegui-la com ditinhos de amor chulo. Certo dia ela não teve dúvidas: meteu-lhe o guarda-chuva com vigor” (Barreto, 2012, p. 128), depois deste episódio, outros personagens comentam sobre o ocorrido:

- O senhor, por exemplo, não sabe que Timbó levou uma surra de uma senhora que mora aqui perto?
- Não sei – respondeu Meneses.
- [...]
- Foi ele quem levou a surra? – Indagou Nascimento.
- Sim; ele, na estação de Todos os Santos, após uma perseguição ignóbil a dona Margarida...
- Que dona Margarida? A do 74? – falou com surpresa Nascimento.
- Essa mesma. Deu-lhe um de rijo com guarda-chuva; e quando ele a quis desarmar, apareceu um cabra morudo, que o pôs, pelas orelhas, para fora da plataforma, donde saiu debaixo de vaia (Barreto, 2012, p. 160-161).

A cena literária é capaz de exemplificar uma das dificuldades enfrentadas pelas mulheres em ocupar o espaço público sem ter a liberdade e a privacidade invadidas pelos

homens. A professora Leslie Kern, em *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens* (2021), realiza uma profunda investigação sobre as relações entre geografia e os estudos de gênero, afirmando que: “presume-se que uma mulher sozinha esteja sempre disponível [...]. Isso remete às noções de mulheres como propriedade dos homens” (Kern, 2021, p. 135), e mais:

A própria experiência cotidiana de assobios e de assédio sexual servem para reforçar o medo, pois as mulheres são constantemente sexualizadas, objetificadas e desconfortáveis em espaços públicos. A geógrafa Hille Koskela observa que “o assédio sexual lembra às mulheres todos os dias que elas não foram feitas para estar em certos espaços” (Kern, 2021, p. 197).

Diante da cena trazida por Lima Barreto, surge a reflexão de que não é garantido que a personagem mulher desfrute da condição de ser um sujeito urbano livre, o que abre espaço para que se aponte a análise sobre a desigualdade entre a mulheres e homens em relação ao direito de pertencer e se deslocar pela cidade. De acordo com Leslie Kern (2021), essas interações de violação da privacidade da mulher que caminha pela rua “está recheada de uma bagagem da cultura do estupro e de uma vida inteira de socialização de gênero contraditória: cuidado com estranhos, mas, também, seja boazinha com homens estranhos” (Kern, 2021, p. 126), a pesquisadora ainda explica que, para as mulheres, “a vigilância faz parte da experiência de estar sozinha na cidade” (Kern, 2021, p. 156).

O fragmento do enredo em análise, expõe, portanto, que o modo de vivenciar o simples ato de andar pela rua pode ser distinto em razão do gênero, Ataliba do Timbó pode ocupar a rua sem medo de interferências significativas em função de sua condição biológica, já para Margarida a experiência urbana foi marcada por ato de interferência no espectro das violências simbólicas e estruturais.

Como já mencionada a precariedade do local em que situava a casa de Clara (vizinha de Margarida), entende-se que o pertencimento em relação à experiência urbana da personagem Margarida é marcado por dificuldades quotidianas como moradora do subúrbio, e o deslocamento dentro da atividade urbana dessa personagem registra uma não garantia de possuir condições necessárias para a transição segura entre os espaços; o conjunto narrativo permite nossa percepção de que a relação dela com o espaço é praticamente definida por aspectos restritivos. Assim, ela é dentro da cidade um corpo marginalizado em um espaço marginalizado.

Para a nossa segunda camada de leitura, consideraremos, agora, a mãe de Clara dos Anjos, Engrácia. Esta personagem, diferentemente de Margarida, tinha o temperamento “completamente inerte, passivo” (Barreto, 2012, p. 143), Engrácia é descrita como “muito boa, muito honesta, ativa no desempenho dos trabalhos domésticos” (Barreto, 2012, p. 143), o narrador ainda informa que ela recebeu boas instruções “para sua condição e sexo, mas logo que se casou - como em geral acontece com nossas moças -, tratou de esquecer o que tinha estudado” (Barreto, 2012, p. 146).

Engrácia desconhecia quem era sua mãe, na verdade, foi uma “velha preta babá, que a criara na casa dos seus protetores e antigos senhores de sua avó, talvez, um deles, pai dela” (Barreto, 2012, p. 143), a mãe de Clara havia sido criada “com mimo de filha, como os outros rapazes e raparigas, filhos de antigos escravos, nascidos em casa dos Teles” (Barreto, 2012, p. 145). Casada com Joaquim dos Anjos desde os dezoito anos, a narrativa informa que a personagem vive integralmente a função social do casamento sendo esposa e mãe, cumprindo as convenções ligadas ao que se definiria por uma dona de casa, o enredo menciona que “a não ser para os serviços domésticos, Engrácia evitava a todo esforço de qualquer natureza” (Barreto, 2012, p. 146).

Sobre Engrácia o narrador enfatiza: “Não saia quase. Era regra que só o fizesse duas vezes por ano” (Barreto, 2012, p. 146), sendo tais saídas de motivação religiosa: “no dia 15 de agosto, em que subia o outeiro da Glória, a fim de deixar uma espórtula à Nossa Senhora de sua íntima devoção; e, no dia de Nossa Senhora da Conceição, em que se confessava” (Barreto, 2012, p. 146), inclusive fazia questão de levar “sempre a filha e não largava de a vigiar. Tinha um enorme temor que sua filha errasse, se perdesse...” (Barreto, 2012, p. 147).

Diferentemente de Margarida, percebe-se que Engrácia tem uma atividade urbana restrita por situações específicas. O fato de Engrácia quase não sair pelas ruas, e quando o fazia era por motivação religiosa, junto ao fato dela evitar ao máximo que a filha andasse livremente pela cidade, nos leva a indagar sobre a possibilidade de que a personagem poder ser lida pelas regras performativas da sociedade patriarcal, regras essas que estimulam um outro tipo ainda de restrição: a autoimposta. Tal restrição é entendida como consequência do conjunto de condicionamentos estruturais de caráter recluso ou pacato, de tal modo, entendemos que essas “restrições autoimpostas ou não às mulheres têm implicações e conexões de longo alcance com outras formas de opressão e desigualdade de gênero” (Kern, 2021, p. 155), para além dessa reflexão, pode-se somar à experiência urbana dessa personagem, todas as dificuldades de

habitar o subúrbio, como já mencionado: a “rua em que estava situada a sua casa se desenvolvia no plano e, quando chovia, encharcava e ficava que nem um pântano” (Barreto, 2012, p. 64).

Vimos que Engrácia pouco deixava o espaço domiciliar e este perfil também pode ser verificado em sua filha, Clara dos Anjos. A menina “raramente saía, a não ser para ir bem perto, à casa de Dona Margarida, [para] aprender a bordar e a costurar” (Barreto, 2012, p. 125), o que não era algo de muito esforço, já que “a casa dessa senhora ficava a quatro passos de distância da do carteiro” (Barreto, 2012, p. 125). Clara é categorizada como uma “natureza amorfa” (Barreto, 2012, p. 124), e talvez, por traço típico da idade, tinha uma “obliquada visão da vida” (Barreto, 2012, p. 124).

A personagem-título do romance é fruto do relacionamento de Engrácia e do carteiro Joaquim dos Anjos, este “era pardo-claro, mas com o cabelo ruim, como se diz; a mulher, porém, apesar de mais escura tinha o cabelo liso. Na tez, a filha tirava ao pai; e no cabelo, à mãe” (Barreto, 2012, p. 124). A protagonista “via todas as moças saírem com seus pais, com suas mães, com suas amigas, passearem e divertirem-se, por que seria então que ela não o podia fazer?” (Barreto, 2012, p. 148), e “apesar de ser uso, nos subúrbios, irem as senhoras e moças às vendas fazer compras, dona Engrácia, sua mãe, nunca consentiu que ela o fizesse, embora de sua casa se avistasse tudo o que se passava, no armazém do ‘seu’ Nascimento” (Barreto, 2012, p. 125).

Diante dessas limitações impostas, Clara dos Anjos sentia o desejo da livre experiência, ela almejava “libertar-se, passear, conhecer a cidade, teatros, cinemas... Ela não conhecia nada disso. Até ir de um pulo à venda do ‘seu’ Nascimento não tinha licença” (Barreto, 2012, p. 151). Esse fator de restrição da possibilidade de Clara de passear livremente pela rua, por lazer ou necessidade, mostram as raízes da condição patriarcal que priva a mulher de qualquer liberdade de decisão, pertencimento e deslocamento, pois “as mulheres são ensinadas a não ocupar espaço, principalmente de modo individual” (Kern, 2021, p. 133). Para melhor demonstração desse tipo de violência simbólico-estrutural, vale analisar a cena em que a personagem-título do livro passa por uma dor de dente e surge a dúvida sobre consultar ou não um dentista:

- É preciso levar essa menina ao dentista, Engrácia, enquanto está no começo.
- Dentistas! Deus me livre!
- Por quê, mulher de Deus?
- Porque é casa de perdição, Quincas (Barreto, 2018, p. 226).

A decisão resultante do diálogo entre os pais de Clara ocorre nas seguintes falas:

- Vou chamar o Meneses. Ele não é formado, mas tem prática e pode certamente fazer o que se trata. Que acha, Engrácia?
- Acho bom, se ele vier em casa (Barreto, 2012, p. 227).

Após essa conversa, Joaquim pergunta à filha sobre o que foi decidido e a menina responde que aceita, pois desta forma, diz ela: “**Não é preciso sair** e mamãe não se incomoda” (Barreto, 2012, p. 227, grifo meu). A opinião da mãe de Clara “sobre a ida da jovem a um dentista corresponde às normas de pudor e decência que vigoravam na sociedade do século XIX” (Galdino; Schwarcz, 2012, p. 226), a cena em si revela que “o acesso de um homem diferente dos familiares, mesmo que médico, ao corpo feminino era reconhecido como um obstáculo à realização de exames. Era comum apenas as parteiras terem acesso tão próximo ao corpo da mulher” (Galdino; Schwarcz, 2012, p. 226), para não haver a “perdição” mencionada por Engrácia, era usual a utilização de “manequins, nas quais as pacientes indicavam o local aproximado da dor e também o relato de incômodos em correspondências escrita pela mulher ou por seu marido e remetidas ao médico” (Galdino; Schwarcz, 2012, p. 226), além disso, a “ida ao médico era sempre realizada na companhia de uma figura masculina” (Galdino; Schwarcz, 2012, p. 226).

A atividade de vida urbana, de acordo com Walter Benjamin (1994), é situação advinda dos ideais modernizadores, o ensaísta alemão relembra as transformações promovidas por Haussmann, sendo uma delas o alargamento das ruas para aumentar o fluxo de pessoas, visando uma maior ocupação do meio citadino e fazendo com que os grandes centros urbanos surgissem como verdadeiros palcos para as andanças pelas ruas, formando, assim, um ideal de cidade-vitrine. Se a pretensão moderna era estimular a ocupação do espaço urbano, por que então todo esse imaginário em torno de uma vida urbana não se realizou para as mulheres da mesma forma que se realizou para os homens? A resposta é material: a cidade “foi criada para apoiar e facilitar os papéis tradicionais do gênero masculino estabelecendo a experiência dos homens como ‘regra’” (Kern, 2021, p. 19), ou seja, desde o planejamento ao uso, é dada liberdade irrestrita ao sexo masculino para ir e vir e ocupar ativamente os espaços dentro da cidade, o que não se verifica para as mulheres. Essa observação acaba por ultrapassar o campo das experiências urbanas individuais e passa a englobar aquelas também vividas em comunidade, o que pode ser investigado através da análise de comportamento em grupo, vejamos, por exemplo, que com a intenção de transmitir para os leitores algumas práticas de vivência dos moradores do subúrbio, o narrador barretiano pontua atos comportamentais envolvidos no pertencimento do espaço por

meio das relações sociais de grupo, diz ele que: “A gente pobre é difícil de se suportar mutuamente; por qualquer ninharia, encontrando ponto de honra, brigando, especialmente as mulheres” (Barreto, 2012, p. 184), a fala do narrador tipifica um aspecto da experiência das mulheres nesse cotidiano suburbano narrado, a nossa proposta nesse estudo é ler isso através do comportamento-performático imposto pela estrutura patriarcal, na qual as mulheres são estimuladas a promover um padrão de rivalidade e inimizade feminina, de acordo com Leslie Kern (2021), essa situação é explicada pelo estudo da socialização de gênero.

Ainda sobre a perspectiva de grupo, o narrador também menciona que: “em geral essas brigas duram pouco. Lá vem uma moléstia num dos pequenos desta, e logo aquela a socorre com os seus vidros de homeopatia” (Barreto, 2012, p. 185). Agora o que temos é uma vivência feminina marcada pela presença da ajuda, o que se entende, de acordo com Kern (2021), pela noção de rede de apoio. Esse foco na relação social através de amizade e não da incitação à inimizade, por sua vez, “tem um potencial revolucionário. Isso desafia a lógica patriarcal” (Wunker, apud Kern, 2021, p. 118), entendemos tal questão aqui trazida como um ponto simbolicamente importante dentro do panorama de experiências urbanas das personagens, uma vez que elas são vizinhas e moradoras do mesmo contexto habitacional criado por Lima Barreto.

Através do conjunto de informações, foi possível identificar os fatores que moldam a vivência urbana das personagens-moradoras, portanto, mostrou-se fundamental “ver as relações sociais da cidade – por gênero, raça, sexualidade, habilidade e muito mais – com novos olhos. Para iniciar a discussão sobre outros tipos de experiências urbanas menos visíveis” (Kern, 2021, p. 27).

CONCLUSÃO

A relação das mulheres com o espaço marginal da cidade, em *Clara dos Anjos*, é fortemente delineada pela restrição e imposição de papéis sociais definidos estruturalmente, deslocando as personagens para condições muito específicas de ocupação urbana. As caracterizações das vivências marcadas nas cenas de Margarida, Clara e Engrácia nos levam a refletir sobre pontos como: lugar de apropriação, lugar de pertencimento, lugar de deslocamento e lugar de privação. Vimos que “o poder e os privilégios masculinos são garantidos ao manterem os movimentos das mulheres limitados e restringirem sua capacidade de acessar espaços diferentes” (Kern, 2021, p. 29). As cenas literárias revelam que “o espaço não é neutro”

(Elkin, 2016, p. 318), o espaço age para as personagens mulheres “com a força da convenção social, [...] encarnada como uma placa de ‘Pare’” (Elkin, 2016, p. 319).

Entender a ocupação do sujeito dentro do espaço requer considerar a construção desse ambiente e suas transformações, afinal, “não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam a sua história” (Barreto, 1911, p. 55), tendo isso vista e por tudo que aqui abordamos, concluímos que investigar a dinâmica existente entre o espaço citadino e as personagens-habitantes nos permitiu realizar uma leitura outra de algumas das camadas sobrepostas nessa relação tempo-texto-cidade, contribuindo, dessa forma, com a análise de aspectos que muito esclarecem a pesquisa acerca da experiência urbana das mulheres e suas representações na Literatura Brasileira.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. Cronista do Rio. In: BARRETO, Lima. Organização de Beatriz Resende. *O Convento*. Autêntica: [S.l.]. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluinfile.php/4416597/mod_resource/content/1/lima%20barreto.pdf. p. 53-57.
- BARRETO, Lima. "As enchentes". In: BARRETO, Lima. *Vida Urbana*, 1915, s.p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000173.pdf>.
- BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2012.
- BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann Tropical*. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Documentação e Informação Cultural, 1992. Disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101387/pereira_passos_haussmann_carioca.pdf.
- BENJAMIN, Walter. O flâneur. In: WALTER, Benjamin. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas. Volume 3. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Alfredo. O Pré-Modernismo. In: BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BRANDÃO, Luis, Alberto. Descorporificações. In: BRANDÃO, Luis, Alberto. *Teorias do Espaço Literário*. p. 251-254, 2013.
- ELKIN, Lauren. *Flâneuse: mulheres que caminham pela cidade em Paris, Nova York, Tóquio, Veneza e Londres*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Fósforo, 2022.

GALDINO, Pedro; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Notas. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Penguin Classics & Companhia das Letras, 2012.

GOMES. Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade: literatura e experiência urbana*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

KERN. Leslie. *Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens*. Tradução de Thereza Roque da Motta. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

Recebido em: 14/11/2023

Aceito em: 27/02/2024

Janaína Monteiro: Mestranda em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduada em Letras - Português e Francês pela mesma Universidade. Tem interesse nos estudos sobre Literatura Brasileira e Experiência urbana.